

sombra das Ideias), publicado em 1582, é na aparência apenas um livro sobre técnicas de memorização (*ars memoriae*) pois os frades (tal como os imãs islâmicos) deviam memorizar os textos sagrados (recorrendo a mnemônicas) como parte da sua educação e da sua edificação religiosa. Mas, na verdade, o livro é muito mais que isso e contém toda uma teologia e uma filosofia, em parte, baseadas na nova ciência copernicana.

PARA BRUNO, OS HUMANOS DEVEM LUTAR contra as trevas em nome da luz, mas nunca alcançam a luz. A luz é do reino de Deus. O reino dos seres humanos são as sombras, que Bruno designa por *phantasmata*. As sombras podem ser de diferentes tipos, mas é na sombra que estamos condenados a viver. A sombra é a metáfora dos limites do nosso conhecimento, um conhecimento finito num universo que Bruno considera ser infinito (a máxima heresia ao tempo), mas também é o único meio de obtermos uma imagem do que é a verdade divina. A luz é uma roupa que induz em erro, mas apenas porque a nudez da verdade nos está vedada. A luz não está ao nosso alcance, mas a sombra contém vestígios de luz (*lucis vestigium*). Para o argumento que aqui defendo, as trevas e a luz contribuem igualmente para a produção da sombra. Nenhuma é nada e as duas são tudo. Séculos mais tarde, Hegel diria que a verdade está no todo. Bruno foi considerado arrogante ao defender que se Deus é infinito e o mundo foi criado à Sua imagem, o mundo é igualmente infinito e cada átomo de vida, por mais ínfimo, tem uma dimensão espiritual, ou seja, alma. Para mim, Bruno é antes um apelo à humildade do humano.

Em todo este percurso, o entendimento do sentido da existência é contido na dicotomia claridade/escuridão ou luz/trevas. Ou seja, apenas um dos sentidos dos seres humanos é mobilizado – a visão. Não significará isto uma limitação auto-imposta? O que se perde nessa limitação? O que se ganharia em termos de compreensão do mundo e da sociedade se em vez de mobilizarmos apenas um dos sentidos mobilizássemos todos eles? Será possível submeter o monopólio da visão ao que designo por sociologia das ausências? O início de uma resposta pode encontrar-se, por exemplo, nas filosofias dos povos indígenas da América Latina. O sábio indígena escuta a realidade (a terra, o céu, a paisagem) em vez de ver apenas, sente-a, apalpa-a, toca-lhe, saboreia-a, em vez de simplesmente a observar. E se a observa, não o faz sem se sentir observado por aquilo que observa. É um *sentirpensar* que não reconhece a dicotomia sujeito/objeto e mobiliza todos os sentidos. Aponta para uma racionalidade mais ampla que não conhece sem ser conhecida, que é racional por ser também emocional e afetiva.

Em tempos de catástrofe ecológica e em que a recorrência das pandemias nos transmite mensagens inquietantes da natureza sobre a insustentabilidade dos modelos de produção e de consumo que dominam a vida contemporânea, as filosofias indígenas oferecem possibilidades de compreensão da realidade e de transformação social que vão muito para além das que a tradição predominantemente visual pode oferecer. Não se trata de substituir uma tradição por outra, trata-se antes de as integrar a todas num paradigma de filosofia intercultural. JL

Órfãos do Império, de Patrícia M. Ferreira

O peso do passado

SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA

◀ Sob a égide da eficaz abordagem hermenéutica pós-colonial, em *Órfãos do Império. Heranças Coloniais na Literatura Portuguesa Contemporânea*, Patrícia Martinho Ferreira (PMF) propõe-se, com validade e alcance, estudar o tropo literário do órfão, tanto em termos literais como nas suas diversas declinações metafóricas-simbólicas, num significativo conjunto de romances contemporâneos (*Caderno de Memórias Coloniais, A Gorda, As Sete Estradinhas de Catete, O Retorno, Os Pretos de Pousaflores, A Casa das Rugas, A Balada do Ultramar, O Tibete de África, A Noite das Mulheres Cantoras, O Meu Nome É Legião, Esse Cabelo*).

E este é, desde logo, o primeiro mérito do livro: reconhecer, em narrativas implicadas tematicamente com o fim do império e as repercussões do legado colonial, a insistência de uma problemática ligada à orfandade, tropo, de resto, amplamente inscrito na literatura portuguesa (veja-se, em regime de leitura psicanalítica, o estudo de Philip Rothwell, *A Canon of Empty Fathers: Paternity in Portuguese Narrative*, Lewisburg, Bucknell University Press, 2007, citado pela autora).

Considerando as consequências que PMF consegue extrair do seu *corpus* ficcional, não há como negar a plena justificação do investimento hermenéutico no tropo escolhido. Através dele, a autora responde, convincentemente, a esta pergunta de fundo: de que forma a noção de orfandade se correlaciona com o fim do colonialismo português em África e, por extensão, com as recodificações identitárias decorrentes da descolonização? Como é evidente, esta indagação subentende outras questões de particular pertinência e enunciáveis deste modo (parafraaseio a autora): não será o órfão, cuja condição ilustra a pulverização da organização familiar de matriz patriarcal e tradicional, a melhor denúncia do esgotamento da retórica imperial? E não poderá o órfão, seja de que tipo for o registo da sua orfandade, oferecer uma metáfora apropriada para abarcar as problemáticas identitárias emergentes no contexto do 25 de Abril e da subsequente descolonização? E nessa medida, não se presta, enfim, a figura do órfão à problematização da atualidade social portuguesa, marcada pelo legado colonial e por uma multiculturalidade que tardam a entrar consistentemente nas esferas do debate público? (cf. pp. 39-40).

A RESPOSTA A ESTAS E OUTRAS QUESTÕES conexas encontra-as o leitor em cinco capítulos impecavelmente articulados. No primeiro (“A derrocada do império colonial: orfandades inevitáveis”), o ponto em foco reside na desconstrução daquela conhecida mitologia luso-tropical segundo a qual o colonialismo português teria sido, como se na escala da opressão beneficiasse de um estatuto excecional, assaz benigno. Neste sentido, a autora releva as múltiplas formas de violência conaturais à sociedade colonial e explora «a questão da culpa e a ideia de orfandade como inevitabilidade, no contexto da família colonial, após cinco anos de colonialismo e uma prolongada guerra» (p. 41).

No segundo capítulo (“As ambivalências dos colonos-emigrantes”), o que está em jogo é a orfandade experienciada, em modalidade metafórica e pautada por tonalidades de melancolia e



Patrícia M. Ferreira

A autora responde a esta pergunta: de que forma a noção de orfandade se correlaciona com o fim do colonialismo português em África e com as recodificações identitárias da descolonização?

nostalgia, pelos colonos, muitos deles nascidos em Portugal, porém, privados de um território que lhes foi, por assim dizer, amputado. Quanto ao terceiro capítulo (“As dores dos herdeiros brancos”), nele, PMF investe a sua atenção nas narrativas com filhos brancos dos colonos, duplamente atingidos pela orfandade: carecem do espaço sensorial da infância e de resguardo afetivo familiar.

O penúltimo capítulo (“As dores dos herdeiros mestiços”) incide sobre, digamos, o entre-dois em que se localizam (talvez fosse melhor escrever: em que se acham enclausurados) os filhos mestiços dos colonos, ambivalência responsável por um marcante sentimento de irreduzível perda, dado esses filhos mestiços se configurarem como espécie de entidades permanentemente em trânsito entre mundos antagónicos (o africano/colonizado e o português/colonizador), em prejuízo da edificação de uma estável identidade nacional, como se neles vivência pós-colonial e pós-nacional se confundissem; finalmente.

O último capítulo (“A procura de um olhar decolonial”), e em jeito de epílogo esperançoso, debruça-se sobre a construção identitária, sempre de olhos postos nessa moldura concep-

tual do livro que é a central questão da orfandade em registo literário. Uma construção identitária a requer o fundamental direito à alteridade do outro étnico e social, como bem enfatiza a análise cuidada de PMF. Reportando-se à atualidade, ao invés dos anteriores, circunscritos ao arco temporal da desintegração das sociedades coloniais e do regresso dos colonos e seus descendentes à ex-metrópole, este capítulo discute as problemáticas da exclusão social e do racismo contemporâneos.

ASSIM SE COMPREENDE que *Órfãos do Império*, afora ser, na sua tradição mais nobre, seguramente um exercício universitário, revelando uma autora norteada pelo rigor epistémico e por uma poderosa capacidade de análise e investigação, seja também, e sobretudo, um exigente momento de reflexão sobre as problemáticas identitárias. Constitui, por outras palavras, um precioso exame crítico do potencial obscuro do legado colonial. Se o desabar do império rasgou o horizonte histórico-social da repressão e subalternização de povos, todos temos, no entanto, a clara consciência de que o assunto, na realidade, se encontra longe de resolvido. Porque, como sabemos, a rutura sócio-civilizacional com o sistema colonial e os seus fundamentos sócio-históricos não significou a tão desejada mutação conducente à integral emancipação.

Devido, entre outras razões, ao facto de as condições de possibilidade dos enunciados emancipatórios se confrontarem com circunscritivismos ainda fortemente balizados por enunciados repressivos e imperiais; e também por a descolonização mental de quem participou na realidade imperial, assumindo contornos traumáticos, não ocorrer à margem dessa encruzilhada que é o regresso persistente de recalçadas memórias do tempo africano, inapagáveis e, mais, constitutivas do “eu”, como, ainda recentemente, confidenciava, ao jornal *Expresso*, Isabela Figueiredo: “Aquilo que sou hoje também vem do trabalho escravo que o meu pai roubou aos africanos que eram seus empregados”.

Seja como for, facto é que a herança colonial, nas suas diversas manifestações, tende a impedir uma nítida solução de efetiva emancipação. E o admirável livro de Patrícia Martinho Ferreira, contributo decisivo no contexto dos estudos pós-coloniais, ratifica a certeza de esse pesado legado, em instância literária, ganhar, por via do tropo do órfão, competentemente rentabilizado para efeitos heurísticos, um significado especialmente denso. JL

“Sérgio Guimarães de Sousa é prof. da Un. do Minho, teve uma cátedra de Estudos Portugueses na Un. de Massachusetts-Dartmouth, foi prof. visitante designadamente na Brown (EUA) e na USP (São Paulo)”



► Patrícia Martinho Ferreira
ÓRFÃOS DO IMPÉRIO
Imprensa de Ciências Sociais, 276 pp., 19 euros